

GEO **FRONTER**

ISSN: 2447-9195

AS ESTRATÉGIAS DA CHINA BRASIL TABACOS E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CADEIA PRODUTIVA DO TABACO NO BRASIL

China Brazil tobacco strategies and their developments on the tobacco production chain in Brazil

Estrategias tabacaleras China Brasil y sus desarrollos en la cadena de producción del tabaco en Brasil

Otávio Cascaes Montanha

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: O artigo analisa as estratégias adotadas pela China Brasil Tabacos (CBT), subsidiária da estatal China National Tobacco, para superar as barreiras de entrada na cadeia produtiva do tabaco no Brasil, bem como as implicações dessa inserção sobre a dinâmica produtiva e as relações de integração do setor fumageiro. Esta pesquisa, de caráter exploratório e abordagem qualitativa, fundamenta-se em levantamento bibliográfico e documental, além da realização de entrevistas com produtores rurais, técnicos agrícolas e dirigentes de transnacionais do setor. A escassez de análises sobre a atuação chinesa na cadeia produtiva do tabaco brasileira justifica a elaboração dessa pesquisa. Os resultados indicam que, para contornar a configuração oligopólica-oligopsônica do setor, a CBT adotou estratégias de captação baseadas na oferta de preços superiores aos praticados pelas empresas tradicionais e na formação de *joint venture* com empresa já consolidada, detentora de base produtiva integrada e *know-how* estabelecido. A entrada da empresa chinesa tem contribuído para alterar a dinâmica produtiva do setor, ampliando as possibilidades de negociação dos produtores e tensionando, ainda que parcialmente, a estrutura oligopsônica vigente, com impactos sobre a organização econômica da cadeia fumageira.

Palavras-chave: Alliance One; China National Tobacco; Estratégias Empresariais; Tabaco.

Abstract: This paper analyzes the strategies adopted by China Brasil Tabacos (CBT), a subsidiary of the state-owned China National Tobacco, to overcome barriers to entry in the Brazilian tobacco production chain, as well as the implications of this insertion on the productive dynamics and integration relations of the tobacco sector. This exploratory research, with a qualitative approach, is based on bibliographic and documentary research, in addition to interviews with rural producers, agricultural technicians, and managers of transnational companies in the sector. The scarcity of analyses on Chinese activity in the Brazilian tobacco production chain justifies this research. The results indicate that, to circumvent the oligopolistic-oligopsonistic configuration of the sector, CBT adopted acquisition strategies based on offering prices higher than those practiced by traditional companies and forming joint ventures with already consolidated companies that possess an integrated production base and established know-

how. The entry of the Chinese company has contributed to altering the productive dynamics of the sector, expanding the negotiation possibilities for producers and, albeit partially, putting pressure on the existing oligopsonistic structure, with impacts on the economic organization of the tobacco supply chain.

Keywords: Alliance One; China National Tobacco; Business strategies; Tobacco.

Resumen: Este artículo analiza las estrategias adoptadas por China Brasil Tabacos (CBT), subsidiaria de la estatal China National Tobacco, para superar las barreras de entrada en la cadena productiva del tabaco brasileño, así como las implicaciones de esta inserción en la dinámica productiva y las relaciones de integración del sector tabacalero. Esta investigación exploratoria, con un enfoque cualitativo, se basa en investigación bibliográfica y documental, además de entrevistas con productores rurales, técnicos agrícolas y gerentes de empresas transnacionales del sector. La escasez de análisis sobre la actividad china en la cadena productiva del tabaco brasileño justifica esta investigación. Los resultados indican que, para sortear la configuración oligopólica-oligopsonista del sector, CBT adoptó estrategias de adquisición basadas en ofrecer precios superiores a los practicados por las empresas tradicionales y formar empresas conjuntas con empresas ya consolidadas que poseen una base de producción integrada y un know-how establecido. La entrada de la empresa china ha contribuido a alterar la dinámica productiva del sector, ampliando las posibilidades de negociación para los productores y, aunque parcialmente, desafiando la estructura oligopsonística existente, con impactos en la organización económica de la cadena de suministro del tabaco.

Palabras clave: Alliance One; China National Tobacco; Estrategias de negocio; Tabaco.

Introdução

A ascensão da economia chinesa nas últimas décadas causou profundas transformações na dinâmica de consumo do mercado interno chinês. Entre 1978 e 2024, o PIB do país cresceu, em média, 8,9% ao ano; a renda per capita, medida pela Paridade de Poder de Compra, elevou-se de US\$ 250 em 1980 para US\$ 8.827 em 2018; e as reservas internacionais, incluindo ouro, alcançaram US\$ 3,45 trilhões em 2024 (Banco Mundial, 2026). Esse desempenho foi

sustentado pela introdução de inovações institucionais que ampliaram significativamente o mercado interno chinês, ao integrar cerca de 1,41 bilhão de habitantes às dinâmicas de consumo (Jabbour; Dantas, 2021). Nesse contexto, a expansão do mercado interno implica também a ampliação potencial da demanda por tabaco, considerando que aproximadamente 288 milhões de chineses eram fumantes em 2024 (WHO, 2025).

Associada a esse amplo mercado consumidor, a China se configura como o maior produtor mundial de tabaco, com 2,29 milhões de toneladas de tabaco em 2023, o que corresponde a aproximadamente 37,3% da produção global. Esse volume supera amplamente a produção da Índia (769 mil toneladas) e do Brasil (683 mil toneladas) (FAOSTAT, 2026). Apesar de posicionar-se como líder global, a produção chinesa destina-se majoritariamente ao mercado interno, o qual, em razão do tamanho populacional e dos padrões de consumo, permanece estruturalmente dependente de importações complementares de tabaco de maior qualidade. Nesse contexto, o Brasil, terceiro maior produtor mundial, ocupa desde 1992 a posição de principal exportador de tabaco, consolidando-se como fornecedor estratégico. Para garantir acesso direto a essa matéria-prima, o Estado chinês criou, em 2011, a China Brasil Tabacos – subsidiária da China National Tobacco – voltada à compra, processamento e exportação de tabaco brasileiro.

O setor fumageiro brasileiro caracteriza-se por uma estrutura de mercado de oligopólio-oligopsônio¹, controlada por quatro grandes empresas que concentram tanto a compra da folha junto aos produtores rurais quanto às etapas de processamento e exportação do tabaco beneficiado (Silveira, 2015). Esse arranjo produtivo é sustentado pelo sistema integrado de produção, por meio do qual as empresas fornecem insumos, assistência técnica e crédito aos agricultores, ao mesmo tempo em que assegura a exclusividade na aquisição da safra. Tal configuração institucional produz relações assimétricas de poder, combinando estabilidade no abastecimento de matéria-prima com elevados níveis de dependência dos produtores integrados (Dutra e Hilsinger, 2013).

É nesse mercado fortemente estruturado e protegido por elevadas barreiras à entrada que a China Brasil Tabacos passa a atuar. Sua inserção não ocorre em um espaço concorrencial aberto, mas em um território previamente organizado por redes consolidadas de integração produtiva e controle corporativo. Nesse contexto, a presença da empresa chinesa impõe a

¹ Oligopólio caracteriza-se pela presença de um número reduzido de vendedores em determinada estrutura de mercado, enquanto oligopsônio refere-se à existência de poucos compradores. Assim, um mercado oligopólio-oligopsônio configura-se quando um número limitado de empresas exerce domínio simultâneo sobre a oferta e a demanda em um setor específico, influenciando preços, remuneração e demais dinâmicas da cadeia produtiva.

necessidade de desenvolver estratégias específicas para acessar produtores, disputar contratos, construir capacidade própria de processamento e estabelecer canais autônomos de exportação, em um ambiente historicamente dominado por corporações globais com sede nos Estados Unidos, Inglaterra e Japão.

Diante disso, o presente artigo objetiva analisar as estratégias adotadas pela China Brasil Tabacos para superar as barreiras de entrada nesse mercado oligopolizado, bem como examinar as implicações dessa inserção sobre a dinâmica produtiva e as relações de integração do setor fumageiro no Sul do Brasil.

A presente pesquisa justifica-se pela lacuna identificada na literatura acadêmica e nos estudos sobre a cadeia tabagista brasileira em relação à China Brasil Tabacos. Apesar da crescente inserção de empresas estatais chinesas em mercados globais de commodities agrícolas e da relevância econômica do tabaco para o Sul do Brasil, não existem, até o momento, na área da Geografia, trabalhos que analisem de forma sistemática a atuação dessa subsidiária da China National Tobacco no território brasileiro, seus mecanismos de inserção no mercado e suas estratégias frente às dinâmicas de concentração produtiva no setor. Essa ausência de estudos compromete a compreensão de importantes transformações em curso na economia tabagista do Brasil.

Desse modo, esta pesquisa, de natureza exploratória e abordagem qualitativa, busca ampliar a compreensão do problema central. Para o levantamento de dados, adotaram-se procedimentos de pesquisa documental (fontes primárias), bibliográfica (fontes secundárias) e entrevistas abertas focalizadas. As fontes primárias corresponderam aos relatórios setoriais da Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA), Food and Agriculture Organization (FAO), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e World Health Organization (WHO). No que concerne às fontes secundárias, realizou-se uma revisão narrativa, orientada pela identificação de artigos publicados no Google Scholar e SciELO que apresentassem interface direta com a temática da pesquisa. Por fim, foram realizadas entrevistas com produtores fumageiros integrados às agroindústrias de fumo no Sul de Santa Catarina, assistentes técnicos e diretores de grandes multinacionais do setor fumageiro no Brasil, como a Alliance One e a British American Tobacco.

Para além da introdução e da conclusão, este artigo estrutura-se em três seções. A primeira analisa a relação entre o desenvolvimento econômico chinês e a demanda por tabaco. A segunda examina o processo de estruturação da cadeia produtiva do tabaco no Brasil. Por fim, a terceira seção discute as estratégias adotadas pela China Brasil Tabacos para ingressar

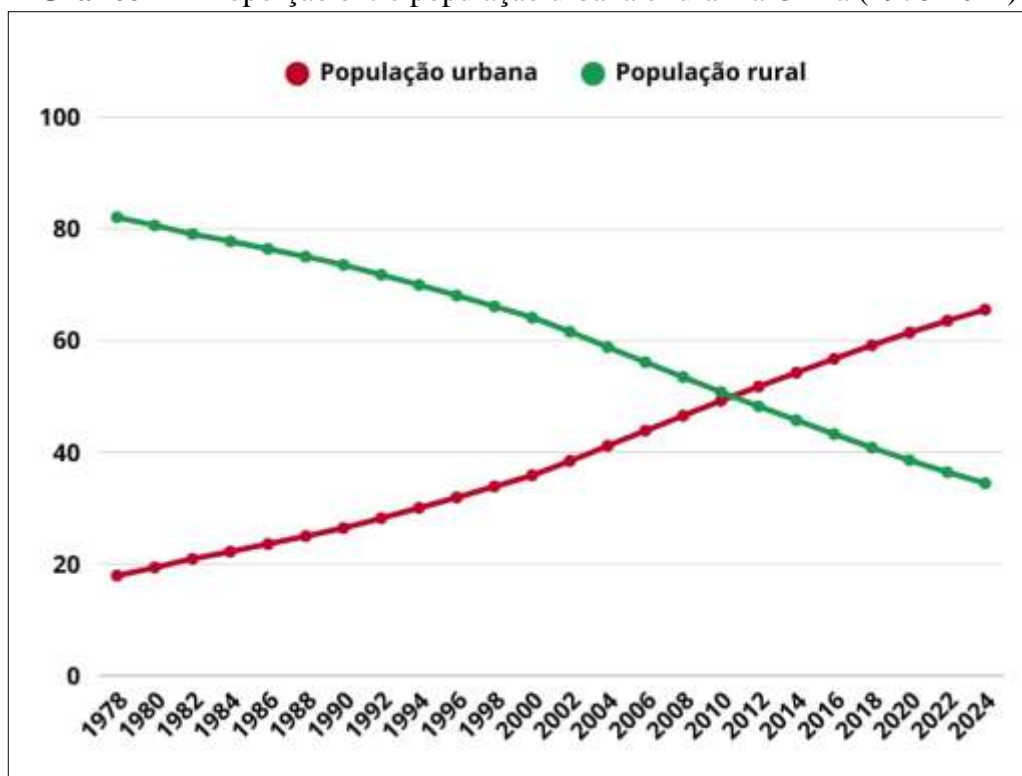
no mercado fumageiro oligopolizado brasileiro, bem como os efeitos decorrentes dessa inserção.

Desenvolvimento econômico, urbanização e demanda por tabaco na China

Em 1949, a fundação da República Popular da China pôs fim ao período semicolonial e de subordinação imperialista denominado “Século das Humilhações” (1839-1949), quando o país figurava entre as economias de menor renda per capita do mundo devido à imposição de tratados desiguais pelas potências estrangeiras, notadamente Inglaterra, França e Japão. A Revolução Socialista, sob a liderança de Mao Zedong (1893-1976), promoveu transformações estruturais na economia chinesa – como a reforma agrária, a planificação econômica e a industrialização – lançando as bases materiais para um ciclo virtuoso de crescimento econômico. Com efeito, entre 1952 e 1978, o PIB chinês cresceu, em média, 6,2% ao ano, estabelecendo as bases materiais que moldariam a trajetória de crescimento acelerado nas décadas seguintes (Jabbour; Boa Nova; Vadell, 2023 e Pautasso, 2025).

Embora a China tenha realizado importantes avanços após a Revolução de 1949, o país estava atrasado do ponto de vista produtivo em relação aos tigres asiáticos (Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Hong Kong). Nesse cenário, Deng Xiaoping reinventa o socialismo ao utilizar o mercado e o capital estrangeiro como ferramentas para fortalecer e expandir as forças produtivas do país (Jabbour e Dantas, 2020). Entre 1978 e 2024, o PIB chinês cresceu em média 8,9%; a renda per capita, medida pela Paridade de Poder de Compra, elevou-se de US\$ 250 em 1980 para US\$ 8.827 em 2018; e as reservas internacionais, incluindo ouro, alcançaram US\$ 3,45 trilhões em 2024 (Banco Mundial, 2026). Tal desempenho resultou da introdução de inovações institucionais, nas quais reformas pró-mercado foram incorporadas como instrumentos subordinados ao planejamento estatal, viabilizando uma industrialização acelerada, o fortalecimento das empresas estatais e uma inserção estratégica na economia mundial (Jabbour; Dantas, 2021).

A industrialização chinesa esteve diretamente associada à aceleração do processo de urbanização, marcada pela transferência de milhões de trabalhadores rurais para os centros urbanos. Esse movimento é central para compreender a dinâmica da demanda por tabaco na China, ao fortalecer o mercado interno urbano e introduzir novos padrões de consumo à população recém-urbanizada. Em 1978, apenas 17% da população chinesa residia em áreas urbanas; esse percentual alcançou 52% em 2011, quando o país se tornou predominantemente urbano, e chegou a 66% em 2024 (Gráfico 1) (Banco Mundial, 2026).

Gráfico 1 – Proporção entre população urbana e rural na China (1978-2024)

Fonte: Banco Mundial (2026).

Embora a proporção de fumantes diários tenha recuado de 28,7% em 1980 para 24,9% em 2012, o número absoluto de fumantes cresceu de forma expressiva, passando de 183,13 milhões em 1980 para 281,71 milhões em 2012 e atingindo 288,27 milhões em 2024 (IHME, 2014; WHO, 2025). Esse crescimento ocorreu em um contexto de expansão demográfica, no qual a população chinesa aumentou de aproximadamente 956 milhões de habitantes em 1978 para cerca de 1,41 bilhão em 2024, um acréscimo de 47,4% (Banco Mundial, 2026). Tal dinâmica contribuiu para a ampliação do contingente de fumantes mesmo diante do aperfeiçoamento das políticas de controle do tabaco após a ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) em 2005, que segundo Chan et al., (2023), incluiu medidas como tributação, advertências sanitárias, restrições à publicidade e proibição do consumo em locais públicos.

No plano produtivo, a produção chinesa de tabaco acompanhou parcialmente essa expansão da demanda: de 1.001.713 toneladas em 1974, elevou-se para 4.261.283 toneladas em 1997, recuando posteriormente para 3.408.142 toneladas em 2012 e 2.257.793,41 toneladas em 2024 (FAOSTAT, 2026). A elevada produção interna não elimina a necessidade de importações por parte da China, uma vez que a expansão de sua classe média exige tabaco de qualidade

superior. Assim, o país amplia a compra externa desses produtos, ao passo que exporta o excedente de fumo de menor qualidade (CHINA QUER MAIS TABACO BRASILEIRO, 2012). Em razão disso, a China ampliou significativamente suas importações de tabaco nas últimas décadas, passando de 25.489 toneladas em 1978 para 115.969 toneladas em 2010 e 214.557 toneladas em 2024, tornando-se, nesse último ano, o segundo maior importador mundial, atrás apenas da Bélgica (FAOSTAT, 2026)².

O Brasil, desde o final da década de 1990, configura-se como um importante fornecedor de tabaco para o mercado chinês. Em 2024, 64.211 toneladas de fumo brasileiro foram destinadas à China, o que posicionou o país como o segundo maior exportador para esse mercado, atrás apenas do Zimbabué (Uncomtrade, 2026). Beneficiado por condições edafoclimáticas favoráveis e por um *know-how* produtivo acumulado ao longo de décadas, o tabaco brasileiro apresenta elevados padrões qualitativos, compatíveis com a elaboração de *blends* voltados a mercados de maior valor agregado.

Nesse contexto, a China passou a atuar diretamente no Brasil a partir de 2002, por meio da criação da China Tabaco Internacional do Brasil (CTIB), subsidiária da China National Tobacco Corporation, uma *holding* de investimentos responsável pela estruturação inicial e pelo estabelecimento de contatos comerciais no país. Em 2009, a CTIB iniciou a captação direta de tabaco junto aos produtores rurais, passando a atuar como compradora e exportadora, ainda sem infraestrutura industrial própria, consolidando sua presença no campo.

Em 2011, foi fundada a China Brasil Tabacos, que passou a operar nas safras 2011/2012 e 2012/2013 como subsidiária independente da Alliance One. Em janeiro de 2012, a CTIB e a Alliance One assinaram o acordo definitivo formalizando a *joint venture*, na qual os chineses detêm 51% do capital. O registro legal da empresa foi concluído em 26 de março de 2014, consolidando a estrutura que já funcionava na prática. A nova empresa incorporou, além da aquisição, as etapas de processamento e preparação do tabaco para exportação, ampliando o grau de internalização das atividades no território brasileiro.

À luz desse movimento, a seção seguinte examina o processo de estruturação da cadeia produtiva do tabaco no Brasil, com o objetivo de compreender o contexto econômico e institucional no qual a China Brasil Tabacos se inseriu.

² Em relação às exportações, a China exportou 188.917 toneladas de tabaco em 2024, posicionando-se como o quinto maior exportador mundial.

Cadeia produtiva do tabaco no Brasil: formação histórica e estrutura oligopólio-oligopsônica

O Brasil, líder das exportações mundiais de tabaco desde 1993, ocupou, em 2023, a terceira posição no ranking global de produtores dessa cultura, situando-se atrás da China (1ª posição) e da Índia (2ª posição) (FAOSTAT, 2026). Segundo o IBGE (2026), a produção nacional alcançou 681.399 toneladas no mesmo ano, concentrando-se majoritariamente na região Sul do país, onde os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul responderam por 97,7% do volume produzido no país. Essa especialização territorial decorre da combinação entre condições edafoclimáticas favoráveis, a predominância de pequenas propriedades rurais e a ampla utilização de mão de obra familiar, elementos que estruturam a cadeia produtiva do tabaco no Sul do Brasil e condicionam sua inserção nos mercados internacionais (Etges, 1991; Vogt, 1997; Hilsinger, 2016).

Para compreender a conformação dessa base produtiva e territorial, é necessário retomar brevemente a organização histórica da produção fumageira no Brasil. Até o início do século XX, a produção de tabaco brasileira organizava-se predominantemente sob a lógica do capital comercial, com frágil articulação industrial. O fumo era cultivado por pequenos produtores e comercializado por meio de casas de comércio que concentravam as funções de compra, financiamento e escoamento, apropriando-se de parcela significativa do excedente. A indústria tabagista, por sua vez, permanecia incipiente e concentrada nos principais centros urbanos, especialmente no Rio de Janeiro e em Salvador, embora já existissem, no Rio Grande do Sul, indústrias de cigarros claros de caráter familiar (Nardi, 1985; Etges, 1991). O cigarro industrializado surge, assim, como mercadoria típica do capitalismo urbano nascente, no qual o desenvolvimento das indústrias de bens de consumo (chapéus, roupas, fumo etc.) cresce em associação à urbanização (Cano, 1977). Nesse contexto, a ampliação do número de estabelecimentos industriais, ainda nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para a popularização do consumo de cigarros no país, ao expandir a oferta e ampliar o acesso ao produto (Etges, 1991).

O mercado tabagista brasileiro, inicialmente de caráter concorrencial, passou rapidamente por um processo de fusões e concentração de capital, liderado por multinacionais estrangeiras (Hilsinger, 2016). Um exemplo emblemático desse movimento é a trajetória da Souza Cruz, fundada em 1903 na cidade do Rio de Janeiro e adquirida pela British American Tobacco (BAT) em 1914 (Etges, 1991). A empresa foi então transformada em sociedade anônima, sob a denominação Companhia Souza Cruz, com a transferência do controle acionário

para a BAT. Ainda assim, a presidência permaneceu sob a liderança de seu fundador, Albino Souza Cruz (Souza Cruz, 1983), a quem se atribui a formulação, em 1918, do Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT). Esse modelo de organização produtiva, baseado na articulação contratual entre indústria e produtores rurais, permanece em operação há mais de um século (Vogt, 1997).

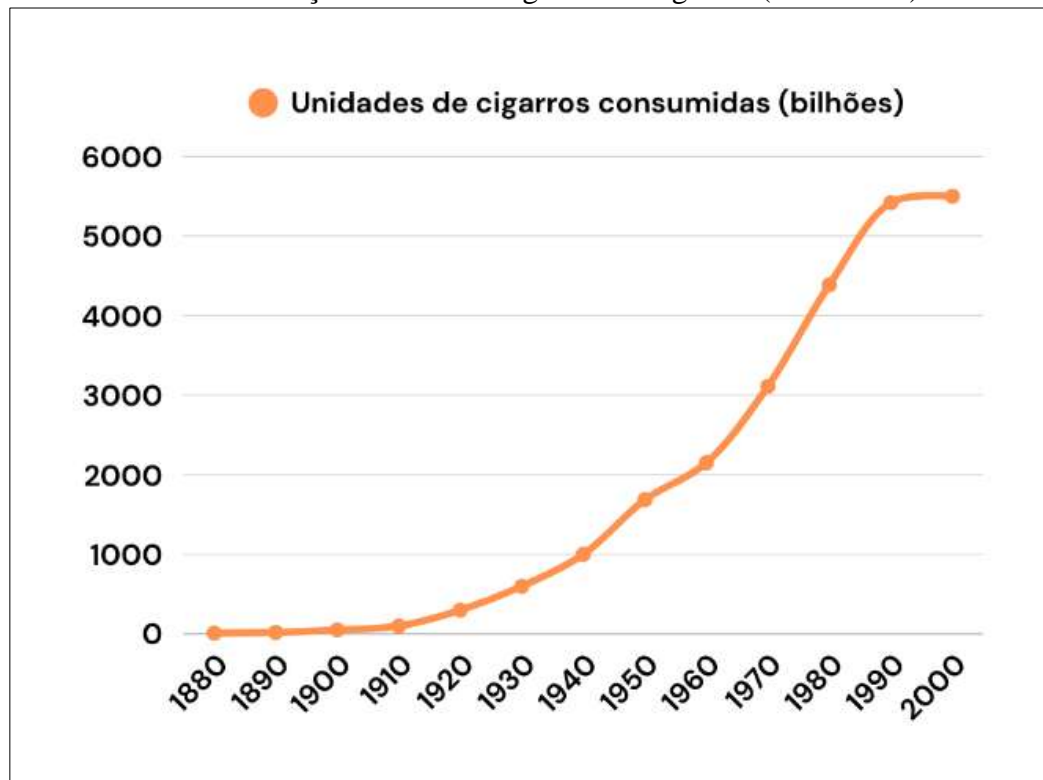
O Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT) consiste em um modelo de organização agrícola baseado em contratos firmados entre produtores rurais e empresas processadoras, por meio dos quais estas fornecem insumos, assistência técnica e padrões de qualidade, ao mesmo tempo em que garantem a compra da safra. Inicialmente estruturado pela Souza Cruz, o SIPT foi posteriormente adotado por outras companhias do setor, como Alliance One e Philip Morris Brasil, entre outras (Dutra e Hilsinger, 2013; Hilsinger, 2016). Esse arranjo institucional assegurou a estabilidade no fornecimento de matéria-prima padronizada e de elevada qualidade para o mercado internacional de fumo e consolidou-se como uma forma de integração vertical contratual, permitindo à indústria exercer controle sobre o processo produtivo sem deter a propriedade da terra (Etges, 1991; Hilsinger, 2016). Ao mesmo tempo, o SIPT contribuiu decisivamente para a formação e o fortalecimento de uma estrutura oligopolizada no setor fumageiro brasileiro, ao elevar as barreiras à entrada, concentrar o poder de compra e reforçar a dependência dos produtores integrados em relação a um número restrito de empresas (Silveira, 2015).

Desde a década de 1960 até o presente, a estrutura de mercado das indústrias fumageiras no Brasil configura-se como um oligopólio-oligopsônio, composto por quatro empresas transnacionais: (1) Universal Leaf Tobacco; (2) Alliance One International; (3) British American Tobacco (por meio da cia. Souza Cruz); e (4) Japan Tobacco International (Silveira, 2015). Nesse arranjo, a dinâmica da cadeia produtiva do tabaco – incluindo suas transformações na esfera produtiva e na organização espacial – responde às ações e estratégias desses grupos empresariais, organizando-se segundo a “lógica de reprodução do capital e de apropriação do trabalho dos agricultores por meio do Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT)” (Hilsinger, 2016, p. 68).

Etges (1991) e Vogt (1997) destacam que até o final da década de 1960 o fumo produzido no Brasil era direcionado majoritariamente para o mercado interno. Embora apresentasse crescimento contínuo desde o início do século XX, o mercado mundial de cigarros foi significativamente impulsionado pela elevação do poder de consumo das populações estadunidense e europeia no período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (Gráfico

2). Inicialmente, essa demanda foi atendida predominantemente pelo tabaco produzido em Moçambique e na Rodésia – então colônia britânica, atual Zimbabué – países localizados no continente africano, pois na época o fumo brasileiro não se enquadrava nos padrões de qualidade exigidos pelo mercado europeu.

Gráfico 1 – Evolução do consumo global de cigarros (1880-2000)



Fonte: Shafey; Eriksen; Mackay (2006).

Contudo, os processos de independência desses países, nas décadas de 1960 e 1970, comprometeram a estabilidade do fornecimento de fumos para a Europa. Diante desse cenário, a British American Tobacco, que atuava na Rodésia, passou a buscar novos fornecedores, redefinindo o Sul do Brasil como alternativa estratégica para o suprimento de fumos claros destinados ao mercado europeu (Etges, 1991; Vogt, 1997). Como resultado, a produção da região Sul saltou de 147.594 toneladas em 1970 para 210.205 toneladas em 1980, alcançando 539.531 toneladas em 1992, ano em que o Brasil se consolidou como o maior exportador mundial de tabaco (IBGE, 1975 e 2026). Apesar da reorientação do setor do mercado interno para o externo, o grupo das quatro maiores empresas manteve a estrutura oligopolista-oligopsônica que caracteriza a cadeia produtiva do tabaco.

Diante dessa configuração altamente concentrada, coloca-se a questão central deste artigo: quais estratégias foram mobilizadas para viabilizar a entrada da China Brasil Tabacos em um setor marcado por elevadas barreiras à entrada e por uma estrutura oligopólio-oligopsônica historicamente consolidada no Brasil?

A inserção da China Brasil Tabacos na cadeia produtiva de fumo brasileira: estratégias para a superação das barreiras à entrada

A China Brasil Tabacos (CBT) constitui o braço externo da política de abastecimento da China National Tobacco e instalou-se no Brasil em 2011, com uma unidade de compra e processamento de tabaco no município de Venâncio Aires (RS). Em 2014, a empresa estabeleceu uma *joint venture* com a estadunidense Alliance One, cuja estrutura societária definiu o controle majoritário do capital pelos chineses, com 51%, enquanto os 49% restantes permaneceram sob controle da parceira norte-americana. O acordo previu a transferência, por parte da Alliance One Brasil, de aproximadamente seis mil contratos de compra de tabaco firmados com produtores do Rio Grande do Sul, os quais viabilizariam a exportação anual de cerca de 25 mil toneladas de fumo do tipo Virgínia para o mercado chinês.

Como desdobramento dessa associação, a CBT ampliou sua capacidade de processamento voltada à exportação ao incorporar a unidade da Alliance One localizada no município de Araranguá (SC), além da planta de Venâncio Aires (RS). Diferentemente de empresas como BAT, Japan Tobacco International (JTI) e Universal Leaf Tobacco, a China Brasil Tabacos não atua no mercado interno brasileiro de cigarros, operando exclusivamente como compradora de folha de tabaco para processamento e exportação, com destino predominante ao mercado chinês.

Essa política, voltada a garantir o abastecimento doméstico da China, só é viável em função do caráter planejador da economia chinesa, que impõe elevadas barreiras à entrada de fumageiras estrangeiras no mercado chinês. Segundo Hancock (2019), a China National Tobacco detém 97% do *market share* do país, garantindo o domínio sobre a demanda. Em razão disso, a CBT não enfrentou obstáculos significativos para superar a dimensão oligopolista do setor fumageiro brasileiro, uma vez que o escoamento da produção encontrava-se previamente garantido. O principal desafio residiu, contudo, na estrutura oligopsônica do setor, o que exigiu a adoção de estratégias empresariais específicas para assegurar o abastecimento de matéria-prima destinada ao processamento e à exportação.

Para contornar essa configuração oligopsônica, a China Brasil Tabacos adotou estratégias agressivas de captação de tabaco, baseadas, sobretudo, na oferta de preços superiores aos praticados pelas empresas tradicionais. A empresa passou a atrair produtores já integrados a outras agrofumageiras, incentivando a produção de excedentes além dos volumes contratualmente estabelecidos e garantindo a compra desse tabaco mediante o pagamento do preço correspondente à classificação BO1, a mais elevada nota de qualidade do produto.

Adicionalmente, a *joint venture* com a Alliance One permitiu à CBT acessar diretamente uma base produtiva já consolidada de agricultores integrados. A empresa apoiou-se fortemente na infraestrutura instalada, no corpo técnico e no *know-how* produtivo da parceira norte-americana, o que facilitou a incorporação de produtores previamente vinculados a outras firmas. Essa associação resultou na ampliação da capacidade de processamento destinada à exportação, com unidades localizadas em Araranguá (SC) e Venâncio Aires (RS), reforçando a inserção da empresa chinesa na cadeia produtiva fumageira brasileira.

Embora fortemente dependente do mercado chinês, a China Brasil Tabacos tem buscado reduzir essa dependência por meio da abertura de novos mercados, especialmente na Europa e em outros países da Ásia. Segundo informações divulgadas pelo Olá Jornal (China Brasil Tabacos mira futuro e se prepara para conquistar novos mercados, 2023), a empresa tem reforçado seu quadro de agrônomos e técnicos, ampliado ações de responsabilidade social e investido em comunicação institucional, com o objetivo de superar barreiras fitossanitárias e regulatórias impostas por esses mercados. Após consolidar-se no Brasil como exportadora de tabaco para a China, a CBT passa a operar, em um segundo momento, uma estratégia de expansão internacional. Essa trajetória revela uma lógica clara: aproveitar as reservas de mercado asseguradas pelo Estado chinês para ingressar no mercado brasileiro, adquirir *know-how*, experiência produtiva e institucional, e, posteriormente, ampliar sua inserção no mercado mundial. Em 2024, a empresa contava com aproximadamente 21 mil produtores integrados.

No que se refere aos desdobramentos decorrentes da maior inserção da CBT no mercado fumageiro brasileiro, observa-se, em um primeiro momento, o aumento da concorrência pela captação de produtores. Esse movimento, somado à elevação da demanda internacional impulsionada pelo mercado asiático, contribuiu para a valorização do preço do tabaco. Como resultado, os produtores ampliaram seu poder de barganha frente às fumageiras, favorecendo a difusão de contratos mistos, não mais exclusivos com uma única empresa. Esse processo tende a desarticular, ainda que parcialmente, o caráter oligopsônico do setor, promovendo uma reconfiguração das relações econômicas no interior da cadeia produtiva fumageira.

Em segundo lugar, observa-se que filhos de produtores, especialmente aqueles na faixa etária de 18 a 24 anos, tendem a permanecer ou retornar às propriedades rurais em razão da elevação do preço do tabaco e, conseqüentemente, do maior retorno financeiro proporcionado pela cultura. Em diversos municípios da Região Sul do Brasil, onde se concentra a produção nacional de tabaco, o fumo configura-se como a atividade mais rentável no espaço rural. A expansão da demanda por tabaco implica, por sua vez, maior necessidade de mão de obra, o que intensifica a contratação de trabalhadores sazonais para as etapas de colheita, com remunerações que variam entre R\$300 e R\$500 por dia de trabalho. Parte significativa desses trabalhadores sazonais provém de outras regiões do país, sobretudo do Norte e do Nordeste, deslocando-se para atuar tanto na colheita da cebola quanto do tabaco.

Em síntese, entrada da China Brasil Tabacos, amparada pelo planejamento estatal chinês e por estratégias empresariais específicas – como a garantia prévia de demanda, a *joint venture* com a Alliance One e a adoção de políticas agressivas de captação de produtores desestabilizou a dinâmica produtiva do fumo no Brasil meridional, introduzindo novos elementos concorrenciais no seu interior. Os desdobramentos observados incluem a elevação dos preços pagos aos agricultores, o fortalecimento do poder de barganha dos produtores, alterações nos contratos de integração e impactos sobre a dinâmica do trabalho e da reprodução social no espaço rural sul-brasileiro. Tais mudanças revelam a capacidade da economia chinesas – de forte caráter planejador – inserir suas empresas em cadeias globais consolidadas, com estrutura de mercado concentrada e com elevadas barreiras à entrada de novos concorrentes, como a cadeia fumageira brasileira.

Considerações Finais

Este artigo objetivou analisar as estratégias adotadas pela China Brasil Tabacos para superar as barreiras de entrada no mercado oligopolizado de fumo no Brasil, bem como examinou as implicações dessa inserção sobre a dinâmica produtiva e as relações de integração do setor fumageiro no Sul do Brasil.

Demonstrou-se que a expansão da demanda chinesa por tabaco não pode ser compreendida apenas como resultado do crescimento econômico, mas como expressão de um processo mais amplo de urbanização e ampliação do mercado interno, que resultou na necessidade de importações complementares de fumo de maior qualidade. Nesse contexto, o Brasil emergiu como fornecedor estratégico em razão de sua posição consolidada como maior exportador mundial de tabaco, da elevada qualidade do fumo produzido e da existência de uma

cadeia produtiva altamente organizada, baseada no Sistema Integrado de Produção de Tabaco. A decisão do Estado chinês de atuar diretamente no país, por meio da China Brasil Tabacos, revela uma estratégia geoeconômica de asseguramento de matérias-primas, típica de uma economia planejada que articula instrumentos de mercado a objetivos estatais de longo prazo, especialmente no âmbito do monopólio da China National Tobacco.

A análise evidenciou que, embora a CBT não tenha enfrentado obstáculos relevantes para superar a dimensão oligopolista do setor – dado que a demanda chinesa encontrava-se previamente assegurada –, sua principal dificuldade residiu no caráter oligopsônico da compra da matéria-prima. As estratégias adotadas para contornar essa estrutura, como a oferta de preços superiores, a captação de produtores já integrados e a *joint venture* com a Alliance One, permitiram à empresa acessar rapidamente uma base produtiva consolidada, tensionando a configuração tradicional da cadeia fumageira brasileira.

Os desdobramentos dessa inserção manifestaram-se no aumento da concorrência entre as indústrias de tabaco, na elevação dos preços pagos aos produtores, no fortalecimento do poder de barganha dos agricultores e em mudanças nas dinâmicas do trabalho rural, incluindo a permanência de jovens nas propriedades e a intensificação do uso de mão de obra sazonal. Tais transformações indicam uma reconfiguração parcial das relações no interior da cadeia produtiva, enfraquecendo o seu caráter oligopsônico.

Por fim, a limitação dessa pesquisa encontra-se na necessidade de entrevistas com outros atores ao longo da cadeia produtiva de tabaco – incluindo os responsáveis pelas atividades pré-porteira, porteira e pós-porteira – para identificar melhor as mudanças nos elos correspondentes após a inserção da China Brasil Tabacos no Brasil. Outra limitação consiste na necessidade de analisar os contratos de integração elaborados pela empresa chinesa a fim de entender as condições impostas ao produtor rural e, assim, observar as continuidades e discontinuidades em relação às fumageiras tradicionais.

Referências

BANCO MUNDIAL. **DataBank**. 2026. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CANO, Wilson et al. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

CHAN, Ka Hung; XIAO, DAN; ZHOU, Maigeng; PETO, Richard; ZHENGMING, Chen.

Tobacco control in China. **The Lancet Public Health**, v. 8, n. 12, p. e1006-e1015, 2023. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(23\)00242-6/fulltext#fig1](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(23)00242-6/fulltext#fig1). Acesso em: 15 jan. 2026.

CHINA BRASIL TABACOS MIRA FUTURO E SE PREPARA PARA CONQUISTAR NOVOS MERCADOS. **Olá Jornal**, Venâncio Aires, 26 (ago.) 2023. Disponível em: <https://olajournal.com.br/china-brasil-tabacos-mira-futuro-e-se-prepara-para-conquistar-novos-mercados/>. Acesso em 27 mar. 2026.

CHINA QUER MAIS TABACO BRASILEIRO. **Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura**: Governo do Estado da Bahia, 2012. Disponível em: <http://www.ba.gov.br/seagri/noticias/2012/01/31/china-quer-mais-tabaco-brasileiro>. Acesso em: 15 jan. 2026.

DUTRA, Éder Jardel; HILSINGER, Roni. A cadeia produtiva do tabaco na região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 17-33, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/view/12490>. Acesso em: 15 jan. 2026.

ETGES, Virginia Elisabeta. **Sujeição e Resistência**: Os Camponeses Gaúchos e a Indústria do Fumo. Santa Cruz do Sul: Editora da FISC, 1991.

FAOSTAT. **Crops and livestock products**. Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2026. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL/visualize>. Acesso em: 15 jan. 2026.

HANCOCK, Tom. China Tobacco looks to take on global cigarette makers. **Financial Times**, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://www.ft.com/content/6c820eb0-51fc-11e9-b401-8d9ef1626294>. Acesso em: 1 mar. 2026.

HILSINGER, Roni. **O território do tabaco no Sul do Rio Grande do Sul diante da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco**. 2016. Tese de Doutorado em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário de 1970**. Rio de Janeiro, 1975. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Agrícola Municipal (1974-2024). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). 2026. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/5457>. Acesso em: 15 jan. 2026.

INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION (IHME). **Global Smoking Prevalence and Cigarette Consumption 1980–2012**. 2012. Disponível em: <https://ghdx.healthdata.org/record/ihme-data/global-smoking-prevalence-and-cigarette-consumption-1980-2012>. Acesso em: 15 jan. 2026.

NARDI, Jean Baptiste. **A história do fumo brasileiro**. Rio de Janeiro, ABIFUMO, 1985.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. Sobre a China e o “socialismo de mercado” como uma nova formação econômico-social. **Nova Economia**, v. 30, p. 1029-1051, 2020.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. Ignacio Rangel na China e a Nova Economia do Projeto. **Economia e Sociedade**, Vol. 30, n. 2, 2021. p. 287-310.

JABBOUR, Elias; BOA NOVA, Vitor; VADELL, Javier. “O caminho chinês”: desenvolvimento desigual, projeto e socialismo. **Cadernos Metrópolis**, n. 26, 2023. p. 377-400.

PAUTASSO, Diego (Org.). **A China atual no legado de Mao-Tsé-Tung**. Ideias & Letras, 2025.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil: din mica de produ o, organiza o espacial e características socioecon micas. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Vol. 19, n. 2, mai/ago, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/13087>. Acesso em: 15 jan. 2026.

SOUZA CRUZ. **Souza Cruz, oitenta anos de Brasil, 1903-1983**. São Paulo: Souza Cruz, 1983.

MACKAY, Judith; ERIKSEN, Michael; SHAFEY, Omar. **The Tobacco Atlas**. 2 ed. American Cancer Society, 2006.

UN COMTRADE. **Trade Data**. United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN COMTRADE). 2026. Disponível em: <https://comtradeplus.un.org/TradeFlow>. Acesso em: 15 jan. 2026.

VOGT, Olg rio Paulo. **A produ o de fumo em Santa Cruz do Sul - RS (1849- 1993)**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO global report on trends in prevalence of tobacco use 2000-2024 and projection 2025-2030**. Geneva: World Health Organization, 2025. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/node/101351>. Acesso em: 15 jan. 2026.

Agradecimentos: Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordena o de Aperfei amento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro concedido.

AUTOR

Otávio Cascaes Montanha

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGG-UFSC), Mestre em Geografia (PPGG-UFSC), Florianópolis (Santa Catarina).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3779-8193> .

E-mail: otaviocmontanha@gmail.com